

## **BATALHÃO SUEZ – FORÇA DE PAZ DA ONU: MEMÓRIA E HISTÓRIA MILITAR.**

Fabiano Luis Bueno Lopes \* - PPG-UFPR

Nosso estudo refere-se aos chamados Boinas Azuis do Batalhão Suez, militares brasileiros participantes da I FENU (Primeira Força de Emergência das Nações Unidas) no Oriente Médio, força de paz criada para estabelecimento e manutenção da paz após a deflagração da Guerra de 1956 entre Israel e Egito, que permaneceu na região até 1967, com o início da Guerra dos Seis Dias. Este trabalho buscou entender os elementos simbólicos construídos pelos veteranos do Batalhão Suez, sobretudo aqueles que estarão presentes na produção bibliográfica por eles realizada nos anos posteriores à missão (1968 – 2000). Foram analisadas esta e outras ações dos veteranos pertencentes a “Associação Brasileira de Forças de Paz da ONU – os Boinas Azuis”, com sede em Curitiba. Tratou-se, na maioria das vezes, de iniciativas particulares e de produções realizadas através do esforço dos próprios veteranos, geralmente com editoras pequenas e com grandes limitações. Pretendeu-se identificar aspectos relativos a formação de uma identidade comum aos indivíduos do grupo social, as maneiras como são lembradas as experiências, os objetivos presentes nos projetos da organização e de que modo esta bibliografia interfere na participação comunitária e na memória construída pela organização. Buscou-se assim, entender a noção de historicidade presente nestas iniciativas e nos processos de construção de uma memória, bem como identificar a possível construção de um discurso político ou ideológico comum aos veteranos, a partir desta memória comum da qual compartilham, participam e constroem através de uma produção textual e iconográfica.

As fontes documentais para este ensaio são algumas memórias escritas por ex-participantes da I Força de Emergência da ONU, formada em 1956. Pretendeu-se perceber,

---

\* Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná.

dentre outros, quais os aspectos comuns aos relatos divulgados pelos próprios pracinhas como sendo constituintes de uma memória histórica. Semelhantemente ao que ocorreu com os ex-participantes da Força Expedicionária Brasileira enviada para a Itália em 1944 por ocasião da participação brasileira na II Guerra Mundial (1939 – 1945), nota-se que alguns ex-membros da FEB elaboram e publicam suas histórias e memórias sobre a Missão Suez. Este seria inclusive um dos fatores de análise da elaboração da memória, pois constantemente parece haver uma tentativa de comparação entre a missão da FEB e a missão Suez, presente, por exemplo, em vários dos “lugares da memória” construídos pelos veteranos de Suez e presente na publicação de Stelson Ponce de Azevedo, que ao relatar um episódio vivido em sua estada em Suez, afirma que os boinas azuis “Por sua coragem e destemor, não desmereceram o heroísmo de nossos pracinhas da FEB”<sup>1</sup>.

Apesar de terem em comum o fato de terem todos participado da missão no Oriente Médio, vê-se algumas diferenças nos relatos que merecerão uma análise da inserção social dos autores, pois vão de relatos de soldados aos de oficiais, o que ocasiona diferentes textos e interpretações das realidades mencionadas. Porém, fator comum a praticamente todos os livros analisados é fato de que geralmente os autores estão inseridos nas participações dos Boinas Azuis em associações de veteranos, sendo integrados à esta memória comum da qual participam tantos outros. Vemos isso como um elemento auxiliador para as construções bibliográficas, pois a troca de experiências e o assimilar desta memória comum tornam-se presente na maioria dos trabalhos, conforme veremos.

Ao contrário dos veteranos da FEB, são poucas as publicações sobre a participação brasileira na missão. Tal evidência pode estar relacionada a uma questão verificada em várias iniciativas dos veteranos de Suez: a falta de incentivo externo para as tentativas de afirmação

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, Stelson S. Ponce. *Em nome da Paz: memórias da missão Suez*. Brasília: Gráficos Charbel, 1996.

enquanto comunidade que participou de um evento que outros não participaram e para as múltiplas formas de manifestação das memórias do grupo e dos indivíduos.

Ao analisarmos a maioria dos relatos percebemos que uma seqüência lógica geralmente se repete, pois quase todos procuram linearmente identificar a maneira como passaram a pertencer ao Exército Brasileiro, como foi o chamado e a integração na Força de Paz e os antecedentes do embarque para o Oriente Médio, como foi a viagem de ida, a chegada, a atuação. Inúmeros são os relatos de situações bem-humoradas ou de problemas pelos quais passaram durante a permanência no Egito, as viagens realizadas a outros países por ocasião das folgas ofertadas pela ONU, que aspectos regionais puderam ser identificados como choques culturais, como foi o retorno e a reintegração na sociedade brasileira.

Alguns aventuram-se em tentar explicar em poucas páginas, geralmente introdutórias, o complexo e controverso conflito árabe-israelense, para situar o leitor no contexto histórico ao qual passaram a pertencer. Em geral, não se percebem erros grotescos ao remeterem-se aos aspectos do passado da região, pois o que se entende é que são relatos geralmente consultados em manuais simplificados e inteligíveis. Sobre as intenções de tais publicações, entende-se que passam a fazer parte da construção da memória do grupo como um todo, tendo, assim como outros meios de divulgação, o objetivo facilitador da afirmação de um lugar na história e uma maneira de lembrar e registrar um passado comum ao grupo social. O que se pode inferir sobre tais publicações é que são parte de uma memória coletiva, contendo elementos que nem sempre foram vivenciados pelo próprio escritor, mas por outros membros do grupo social ao qual agora ele pertence e compartilha experiências do passado.

Algumas interpretações podem ser sutilmente percebidas, pois apesar da natureza neutra da missão, as realidades vividas por alguns contingentes, leva os autores a tendenciosas observações. Dacílio Magalhães, por exemplo, ao observar as atitudes dos israelenses por ocasião da deflagração da Guerra dos Seis Dias, em 1967, e o término da Missão Suez, busca identificá-los como ingratos diante da situação, pois segundo ele, haveria

uma dívida de gratidão por parte de Israel pelo apoio brasileiro na formação do Estado de Israel em 1948. Tal “ingratidão” aparece em acusações de que tropas israelenses dificultaram a retirada das tropas brasileiras, ocorrendo a morte de um cabo brasileiro.

Realmente este episódio aparece em praticamente todos os relatos e em várias outras manifestações da memória dos Boínas Azuis, e vão desde menções no Museu Histórico<sup>2</sup> às homenagens em comemorações públicas. Trata-se do Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo, gaúcho, pertencente ao 20 ° contingente. Porém, há menção de que “muitos outros integrantes do Batalhão Suez ficaram feridos neste percurso”, o que somente aparece em seu livro.<sup>3</sup>

Outras acusações aos israelenses que não somente são vistas neste e em outro relato são de que suas tropas teriam entrado nos acampamentos brasileiros e de que teriam sido levados para outras instalações sendo “obrigados a permanecerem semi-nus sob um frio intenso, com metralhadoras apontadas para suas cabeças”. Além disso, Magalhães menciona que as bagagens teriam sido “saqueadas por tropas israelenses, bem como suas armas e uniformes.” Somado a este relato vemos menção em um livro de Stans Zouain Filho, em que condena os atos de tropas israelenses com relação aos brasileiros do 20 ° contingente na dita guerra como “desnecessário e desumano”.<sup>4</sup> Tais afirmações parecem refletir na memória do grupo social analisado uma tendência pró-árabe na análise do conflito como um todo. Isso fica evidenciado de outras maneiras por outros meios de divulgação da memória. Pouco se fala, por exemplo, sobre os *fedayans*, militantes árabes e palestinos que causavam sérios problemas nas regiões fronteiriças entre Egito e Israel, buscando-se uma ênfase maior às amizades e

---

<sup>2</sup> A Associação possui um espaço denominado “Museu Histórico Batalhão Suez” sediado no interior do 20 ° Batalhão de Infantaria Blindada, em Curitiba, em que reúnem peças e fotografias alusivas à varias missões de paz com participação brasileira. Entendido como um “lugar de memória”, a noção de História ali contida deve ser associada às demais iniciativas de composição da memória do grupo.

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Dacílio de Abreu. *Será que valeu a pena?* Edição do Autor. São Paulo: 2004.

<sup>4</sup> ZOUAIN FILHO, Stans. *Histórias de Suez: aventuras de nossos soldados.* Edição do Autor. Vitória, 2003.

contatos feitos por brasileiros com os chamados *habibes*, árabes que se tornavam amigos ou que prestavam serviço no campo brasileiro<sup>5</sup>.

Tais relatos, porém, parecem fazer parte também de uma tendência geral percebida nas publicações analisadas: a tentativa de buscar para o grupo social ao qual pertencem o verdadeiro reconhecimento da missão à qual participaram, pois são inúmeras as queixas sobre atitudes da instituição Exército Brasileiro e ao governo do país em relação aos veteranos. Há nos livros menções diretas sobre a “árdua missão” enfrentada pelos capacetes azuis, o que entendemos como formas de combate a outras acusações e depreciações pelas quais se tornaram propícios a receber e até mesmo uma luta contra o esquecimento, fator comum entre veteranos militares.<sup>6</sup>

Para afirmação de tal posição, verificamos multiplicarem nos livros alguns problemas enfrentados pelos brasileiros, como o próprio perigo da deflagração da guerra, o ambiente bélico ao qual estavam sujeitos com a presença de minas terrestres e aviões de reconhecimento, espionagem israelense, terroristas árabes e represálias, cobras, escorpiões, falta d’água, enfermidades como a lepra, a tuberculose, o tracoma, ocorrências de roubos e furtos, instalações precárias (principalmente evidenciada no início da missão), o calor do dia e o frio de deserto, a miséria das populações locais, as diferenças e choques culturais, a distância do Brasil e os sentimentos de saudades dos familiares (este por sua vez mencionado em todos os relatos analisados e em inúmeras outras fontes). Enfim, vários outros itens que justificam a necessidade de revisão, segundo eles, do tratamento ao qual foram destinados e à falta de atendimento ao retornarem ao país e nos dias atuais.

Sobre as queixas de descaso, tem-se uma clara indignação de Fernando Corrêa de Barros, quando em seu livro intitulado “Fronteira das Ilusões”, publica um discurso preparado por ele mesmo por ocasião de uma comemoração de trinta anos do retorno dos integrantes do

---

<sup>5</sup> Habibes significa amigo, companheiro, em árabe. A expressão tornou-se linguagem comum entre os pracinhas de Suez para designar os árabes com os quais tinham contato.

<sup>6</sup> WINTER, J.; SIVAN, E. (eds.) *War and remembrance in the Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University, 1999. p. 29 –30.

13<sup>o</sup> contingente do Batalhão Suez, mas que foi censurado pelo comando da unidade militar na qual o evento acontecia. O teor do texto é o de que lhes foi negado, ao longo dos anos, o reconhecimento público e material, tendo a nação brasileira “dado as costas aos seus filhos mais pródigos”, enquanto a comunidade internacional os reconhecia através da concessão do Prêmio Nobel da Paz à UNEF, em 1988. Segundo seu relatos, foram os ex-boinas azuis desprezados e abandonados, sendo que grande parte deles teria ao retornar de enfrentar realidades como o “mais completo abandono e indigência” permanecendo após o retorno como “desempregados, doentes e desassistidos.”<sup>7</sup> Detalhe interessante sobre a obra é que foi catalogada como Romance nos índices de catálogo sistemático de bibliotecas, sendo que trata-se claramente de uma obra memorialista e que nenhuma das personalidades citadas é fictícia. Todas as histórias contadas são presumidamente verdadeiras ou baseadas em fatos que realmente aconteceram.

Outra produção analisada é a de Roberto Brenol de Andrade, Intitulada “Batalhão Suez... fora de forma, marche! missão árdua ou tempo perdido?”, publicada em Porto Alegre através da Associação Rio-Grandense de Artes Gráficas, no ano de 1985. Trata-se de um relato jornalístico, literário e memorialista, conforme justificativa do próprio autor, de um integrante de um dos batalhões gaúchos de brasileiros enviados ao Egito, servindo ele também, inusitadamente, como uma espécie de correspondente de guerra, enviando notícias para uma rádio no Brasil, com a permissão de seus superiores.

Outro estilo de bibliografia produzida é a forma de diário. As obras supracitadas possuem um caráter semelhante, tendo alguns deles a menção de que os livros foram feitos baseados nos relatos de diários produzidos durante a missão. Outros, porém, são especificados como diários de campanha. Um exemplo claro é o livro do capelão J. J Dourado, publicado antes mesmo do término da missão, em 1963. Esta é a única publicada nesta situação. O autor realiza uma descrição minuciosa das experiências por ele vividas, desde a viagem de partida

---

<sup>7</sup> BARROS, Fernando Corrêa de. *Na fronteira das ilusões*. 1<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: FCB Consult, 1998.

até a de retorno, constituindo um elemento importante da memória construída ao longo dos anos pelos demais integrantes, pois o fato de ter sido publicado em 1963, quatro anos antes do término da missão, fez com que parte das lembranças do grupo social pudesse ter como base algumas das experiências descritas.<sup>8</sup> Tal evidência pode ser percebida quando são analisados os depoimentos e discursos proferidos, em que os veteranos remetem-se diretamente a este e a outros livros como referências para fundamentar seus relatos.

De modo geral, podemos inserir as produções bibliográficas citadas, também entendidas como fontes para nossa pesquisa devido ao caráter que possuem, como parte da construção da memória que é realizada após o retorno dos sujeitos e sobretudo, situarmos como sendo produções que só encontram lugar após a efetiva organização dos veteranos em associações. Percebemos que tal possibilidade se dá apenas a partir de finais da década de 70 e início dos anos 80, pois com a exceção do trabalho de J. J. Dourado, os demais trabalhos são todos publicados após a abertura política pela qual o país passou. Tal evidência remete-nos a associar o fato das próprias associações somente passarem a existir após o fim do regime militar, evidência empírica, confirmada através de depoimentos orais. A associação com sede em Curitiba, por exemplo, segundo os fundadores, é a mais antiga do Brasil, sendo fundada em 1978.

#### Considerações Finais

Entende-se que as produções bibliográficas dos pracinhas de Suez podem ser consideradas como parte da memória construída pelo grupo social como um todo. São relatos importantes que mostram de que maneira parte das experiências rememoradas pelos veteranos são influenciadas por elementos presentes nos livros. Além disso, vê-se que o processo inverso também pode estar presente nesta produção, pois grande parte dos relatos publicados podem

---

<sup>8</sup> DOURADO J. J. *Oriente Médio: Batalhão Suez*. Petrópolis: Vozes, 1963

ter sido influenciados ou até mesmo baseados em experiências contadas por outros pracinhas ao autor.

O fenômeno esclarece, em certa medida, as transformações pelas quais as memórias de grupos sociais passam ao longo de suas construções, tornando-se “verdades” na medida em que se repetem em vários meios de divulgação ou tornam-se “discursos oficializados” pelo grupo com o passar do tempo.

Além do caráter memorialístico e informativo das produções, trata-se de uma maneira eficiente de publicação e valorização da memória da qual fazem parte, de exposição da importância de tal História e da divulgação de um caráter reivindicatório, também presente em outros veículos. Parte das justificativas de tais produções, que podem ser observadas nos prefácios e introduções, parece estar vinculada ao combate aos elementos depreciativos e fazem parte de uma luta contra o esquecimento e o desprezo pelo quais afirmam vivenciar.